E D I T O R I A L

Construtores da história

A. Domingues de Azevedo

Com a proximidade de mais um momento histórico para a nossa profissão, com a alteração do Estatuto da Câmara dos Técnicos Oficiais de Contas e a sua passagem a Ordem, fechar-se-á um ciclo ímpar na história do associativismo público português. De profissão desacreditada, atingimos em pouco mais de uma década, o nível organizacional e qualitativo que outras desde há muito ocupam.

Este caminho não tem sido fácil. E tal sucede porque, em muitos casos, os profissionais ainda não se libertaram de uma certa ideia de inferioridade que durante anos se cultivou na nossa profissão.

O conceito não é apenas externo. É também interno, visível em inúmeros actos dos profissionais. Desde logo, na depreciação do nosso trabalho, na grande maioria das vezes de grande qualidade, mas que nós mesmos não valorizamos com receio de magoar os respectivos destinatários. Essa visão prolonga-se pela concepção que muitos têm da própria Instituição, menosprezando uma ideia global e estruturada face à multiplicidade de situações com as quais é necessário lidar ou até mesmo na forma como nos movimentamos nas relações com outros profissionais, onde o conceito individual tem muito mais força que o colectivo.

Não obstante, foram os Técnicos Oficiais de Contas que deram corpo a uma das mais extraordinárias revoluções ocorridas no relacionamento entre os cidadãos e a Administração Pública.

Afinal, aqueles que até há bem pouco tempo eram alcunhados de «mangas-de-alpaca», revolucionaram e influenciaram de forma decisiva a desburocratização em Portugal, o que fez da nossa experiência profissional um exemplo apresentado em diversos eventos internacionais.

É necessário unirmo-nos em torno do projecto comum que é a nossa profissão e continuarmos a dar exemplos saudáveis ao País e ao Mundo. Não restam dúvidas da nossa capacidade. Não restam dúvidas do nosso empenho. Não restam dúvidas da nossa vontade. Falta apenas encontrarmos o ponto comum que a todos una.

As profundas alterações que se avizinham, sobretudo na maneira de exercer a profissão, bem como as alterações ao Estatuto, podem constituir o ponto de partida para uma nova realidade profissional.

Os desafios são grandes e diferenciados, mas a vontade para os vencer também é enorme. Unidos em torno da nossa profissão, sejamos todos construtores da história. Neste caso, uma história linda. ■

É necessário unirmo-nos em torno do projecto comum que é a nossa profissão e continuarmos a dar exemplos saudáveis ao País e ao Mundo.

Não restam dúvidas da nossa capacidade. Não restam dúvidas do nosso empenho. Não restam dúvidas da nossa vontade. Falta apenas encontrarmos o ponto comum que a todos una.